

PRAÇA NOEL ROSA

Lei nº 6205 de 27-04-1990, Artigo 1º

Formada pela praça 2 do Jardim Chapadão

Situada na confluência das ruas Bento da Silva Leite, 14 Bis, Cônego Manuel Garcia e Renato Henry

Jardim Chapadão

Obs.: Lei sancionada e promulgada pelo Prefeito Municipal Jacó Bittar. Projeto de lei nº 137/89. Processo da Câmara Municipal nº 48.564. Esta praça já era conhecida, recebendo inclusive, o devido emplacamento, pelo nome de Praça Noel Rosa, desde por volta de 1952 ou 1954. Não se sabe a origem da denominação e o uso popular, obrigou a criação da presente lei.

NOEL ROSA

Noel de Medeiros Rosa nasceu na Vila Isabel, na cidade do Rio de Janeiro, em 11-dezembro-1910 e faleceu na mesma Vila e cidade, em 04-maio-1937. Noel realizou seus primeiros estudos no Colégio São Bento e em 1930, ingressou na Faculdade de Medicina, que abandonou dois anos depois. Ainda criança aprendeu a tocar violão e bandolim que tocava em festinhas. Em 1927 começou a tocar no conjunto "Flor do Tempo" onde conheceu Almirante e João de Barros (Braguinha) que o levaram a integrar o "Bando dos Tangarás", do qual faziam parte Alvinho, Henrique Brito e alunos do Colégio Batista. Em 1929, compõe seus primeiros sucessos: "Minha Viola", "Festa no Céu" e "Com que Roupa?". Passa então a participar de programas de rádio. Em 1932, passa a fazer parte do trio "Bambas do Estácio", juntamente com Ismael Silva e Francisco Alves. Ainda nesse ano, realiza excursão pelo Rio Grande do Sul com o conjunto "Ases do Samba" do qual faziam parte Francisco Alves, Mário Reis e Nonô. Em 1933, compõe os clássicos "Feitiço da Vila" e "Palpite Infeliz". No ano seguinte passa a integrar o grupo "Gente do Morro" com Benedito Lacerda, Russo do Pandeiro e Canhoto. É nesse ano que surgem os primeiros sintomas da tuberculose, que o obriga a ir a Belo Horizonte para se tratar, retornando em 1935, quando compõe: "João Ninguém", "Silêncio de Um Minuto", "Pierrot Apaixonado", "Linda Pequena" e "Só Pode Ser Você". Em 1936, começou a trabalhar na Rádio Clube do Brasil e colaborou na trilha sonora do filme "Cidade Mulher". Em 1937, retornando de uma viagem de descanso que fez a Nova Friburgo, no Estado do Rio, compôs seu último samba: "Eu Sei Sofrer". Era chamado de o "Poeta da Vila Isabel", bairro em que nasceu e morreu. Deixou mais de 200 composições musicais, muitas em parceria com Vadico.

ANTE CONCORRÊN-

e Campinas, sanciono

os de uso comum do

ção 10,047 do Cadas-

ea de 93,42m2 e as

12 do mesmo lotea-

11 da mesma qua-

ade de Said Abdalla

confronta com o lo-

da a vender a faixa

proprietários lidei-

ção mínimo será o

em nome de Carlos

da publicação de

deverá ser feito à

nta) dias de data

ipa do interessa-

conco ncia ou

e Sociedade de

no seguinte tre-

área, localiza-

o Jardim Nova

te 11, no fundo

ianescente da

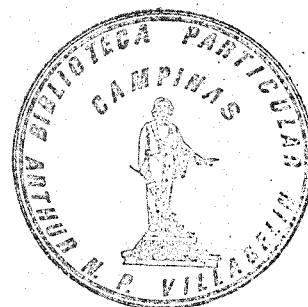
será revertido

riado pela Lei

5.634, de 22

lei ficarão a

adas as dis-



LEI Nº 6205 DE 27 DE ABRIL 1.990.

DÁ DENOMINAÇÃO A UMA PRAÇA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS E ALTERA A REDAÇÃO DO ARTIGO 1º DA LEI Nº 1.891, DE 23 DE JUNHO DE 1.958.

A Câmara Municipal aprovou e eu, Prefeito do Município de Campinas, sanciono e promulgo a seguinte lei:

Artigo 1º - Fica denominada "Praça Noel Rosa" a praça 2 do Jardim Chapadão, localizada na confluência das ruas Bento da Silva, 14 Bis, Cônego Manoel Garcia e Renato Henry.

Artigo 2º - O artigo 1º da Lei nº 1.891, de 23 de junho de 1.958, que denominou uma praça pública no Município de Campinas, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Artigo 1º - Fica denominada "Praça Santo Afonso Missionário" a praça do Jardim Chapadão, localizada na confluência das ruas Erasmo Braga, Rafael Salles e Cônego Manoel Garcia".

Artigo 3º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

PAÇO MUNICIPAL, 27 de Abril de 1.990.

JACÓ BITTAR

Prefeito Municipal

PROCESSO N.º 48.564  
D. L. 137/89

Handwritten notes at the bottom of the page, including the number '1391' and the words 'Praça Noel Rosa' and 'Praça Santo Afonso Missionário'.

# NOEL ROSA

Noel de Medeiros Rosa - considerado o maior nome do samba carioca - nasceu 11 de dezembro de 1910, na rua Teodoro da Silva, 130, em Vila Isabel, Rio de Janeiro. E já no seu nascimento, um acidente marcaria toda a sua vida. Extraído a fórceps pelos médicos, o menino teve um afundamento e fratura maxilar inferior que provocaram uma leve paralisia facial do lado direito.

Pensou-se, inicialmente, que com o tempo, a anomalia se corrigiria, mas os meses se passaram e o maxilar de Noel se manteve praticamente imobilizado e com pronunciado desvio.

Aos 13 anos, quando ingressou no Colégio São Bento, Noel ganhou - em razão do defeito - um apelido que o torturou secretamente durante muito tempo: "Queixinho". No mesmo ano em que ingressou nesta escola, começou a aprender bandolim, de ouvido. Em 1924 iniciou também seu aprendizado de violão. Com 15 anos, Noel conheceu Sinhô, de quem se tornou grande admirador. Mas não podia, então, dedicar-se inteiramente à música. No São Bento havia sempre exames a prestar e seu modo de ser não se adaptava exatamente ao figurino de um aluno exemplar. Eram frequentes as más notas e chegou a ser reprovado quatro vezes em História do Brasil. Em uma ocasião, por problemas escolares e outros de ordem pessoal, chegou a tentar o suicídio, atirando-se de um barranco.

Resolvido a seguir o curso de Medicina, Noel Rosa começou a fazer os preparatórios em 1929. Mas na verdade, enquanto os livros de estudo o atraíam cada vez menos, cada vez mais crescia seu interesse pela música. Começava a obter, no bairro, uma notoriedade como violonista e bandolinista, sendo muito solicitado para tocar em festas.

## As Primeiras Músicas

Foi então que começou a se relacionar com Almirante e João de Barro (Braguinha) que integravam, na época, um conjunto chamado "Flor do Tempo". Mas foi no ano seguinte, 1931, que Noel obteve seu

primeiro triunfo como compositor: o samba "Com que Roupa", que, em sua frase inicial era nota por nota, o princípio do Hino Nacional Brasileiro. Ditando o samba para o maestro Homero Dornelas, este logo percebeu a semelhança que escapara o Noel e fez a indispensável alteração de notas. Em seu livro "No Tempo de Noel Rosa", Almirante desfaz a lenda de que, para compô-lo, Noel se inspirou no fato de sua mãe ter escondido, a roupa dele para impedi-lo de fazer suas serenatas.

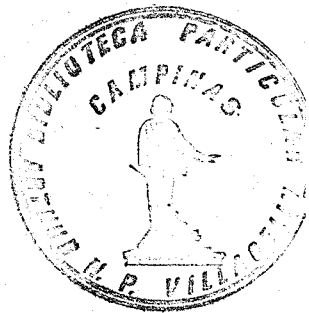
O samba, gravado pelo próprio Noel em discos Parlophon, foi sucesso do carnaval do ano seguinte. Ainda em 1930, compôs a marcha "Dona Araci", a canção "Queixumes" (com Henrique Brito), o samba "Eu Vou Prá Vila", este também sucesso do carnaval de 31, e no qual, pela primeira vez, celebra a sua Vila Isabel. O samba estava chamando, mas Noel tinha um compromisso anterior com a Medicina. Em fins de 1930 fez o vestibular e matriculou-se na Faculdade, na Praia Vermelha, que frequentou apenas de 1931 a 1932.

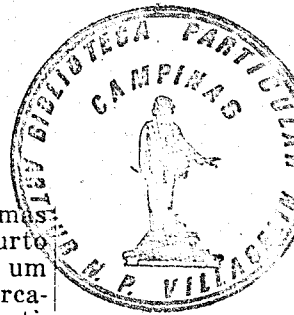
Mas em 1931, ele continuava a ir melhor de música do que de estudos. Aliás em 31, escreveu mais de vinte composições. Também nesse ano iniciou um namoro com a jovem Josefina (Fina), de 16 anos, que trabalhava em uma fábrica de botões. "Fina" inspirou Noel em dois sambas: "Seu Riso de Criança" e "Três Apitos". Por essa época, Noel circulava em seu primeiro automóvel: um velhíssimo Chancler que ele chamava de "Viramundo" e que passa, sacolejando provavelmente, na letra de "Três Apitos".

Durante algum tempo - em 1932 - Noel foi contra-regra do Programa Casé. Frequentava então, com assiduidade, o Café Nice, as estações de rádio, os cabarés da cidade e, esporadicamente, a Faculdade de Medicina.

## Casamento e Boêmia

Em casa os desgostos nunca deixavam de aparecer. Seu pai, que já vinha apresentando si-





nais de desequilíbrio nervoso, foi internado em uma casa de saúde. D. Marta - sua mãe - já angustiada, recebeu dias depois, outra notícia inquietante: o filho Noel ia se casar, precipitadamente, dentro de alguns dias. E, realmente a 1º de dezembro de 1934, Noel casava-se com a que se tornaria D. Lindaura de Medeiros Rosa e que ele conhecera recentemente. Foram morar no pequeno chalé da Rua Teodoro da Silva mas, como seria de esperar, o casamento não conseguiu afastar Noel de sua trilha boêmia. Para Noel, nessa época, todos os caminhos conduziam à Lapa... Passando as noites em claro, dormindo algumas horas durante o dia, alimentando-se precariamente, praticando excessos, sua saúde, que já não era das melhores ficou seriamente comprometida.

Em fins de 34, Noel foi abrigado a recorrer a um médico, que após exames radiográficos, verificou graves lesões nos dois pulmões do compositor. Aconselhou então, a seu cliente, mudança total de clima e absoluto repouso.

Por isso, em janeiro de 35, lá se foi Noel com a esposa para Belo Horizonte. Durante alguns dias ainda se submeteu ao regime prescrito. Mas, pouco depois, foi se relacionando no meio musical mineiro e entrou na velha e gostosa vidinha. Cantava na Rádio Mineira e passava as noites nos cafés, em conversas intermináveis com novos amigos, o chope circulando inesgotavelmente. Em maio chegou-lhe uma notícia terrível: seu pai enforcara-se no dia 3, debaixo da própria cama, na clínica em que estava internado.

Apesar do golpe brutal e da vida irregular que levava, Noel sempre conseguiu melhorar de saúde em Belo Horizonte. E, afinal, em setembro de 35, com doze quilos a mais - fora com 45 e voltava com 57 kg. - retornou, mais uma vez, à sua querida Vila Isabel. Não estava curado, a doença estacionara, como lhe previniu o médico, mas poderia prosseguir seu curso, caso Noel voltasse à anterior rotina de vida.

Tinha dois caminhos, mas preferiu o do "suicídio a curto prazo" - cumprido, talvez, um destino inexorável que marcará sua família paterna. E continuou a viver intensamente pois "achava que devia viver em intensidade e não em quantidade". Vivia avassaladamente e compunha no mesmo ritmo. De 35 datam sambas como "João Ninguém", "Disse-me-Disse", "Pela Décima Vez", "Cansei de Implorar", "Silêncio de um Minuto" e as marchas "Não Resta a Menor Dúvida", "Linda Pequena" - que mais tarde, com a letra ligeiramente alterada transformar-se-ia em "Pastorinhas" - "Pierrô Apaixonado" e uma série de outras.

No princípio de 1936, seu estado de saúde novamente se agravou. Seu médico insistia em que saísse urgentemente do Rio, pedido a que Noel só cederia em fevereiro de 1937 para repousar, durante uma temporada em Nova Friburgo. Como seria de se esperar, também ali não mereceu grau dez em comportamento, frequentando bares à noite, apresentando-se no Cine Ideal. Regressou ao Rio em março. Semanas depois escreveu seu último samba, "Eu sei Sofrer". O fim aproximava-se. Em abril, Noel e Lindaura viajaram para Pirai. A 1º de maio visitou com a esposa a represa de Ribeirão das Lajes e sentindo arrepios, voltou ao hotel e teve uma forte hemoptise. Voltaram precipitadamente para o Rio.

No dia 4 de maio de 1937, Noel estava completamente jogado no leito. Cerca de 21h30 do mesmo dia, ele voltou-se para o irmão e pronunciou suas últimas palavras: "Estou me sentindo mal. Quero virar para o outro lado". Hélio ajudou-o a mudar de posição e a mão de Noel ainda se estendeu para a mesinha de cabeceira, tamborilando, durante algum tempo, cada vez mais fracamente, até à imobilização final.

Era o fim mas também um começo. O início da grande consagração de Noel. Suas músicas começaram a fazer um sucesso estrondoso e os livros biográficos se sucederam. Noel ganhou um busto de bronze, mausoléu e se tornou nome de escola.

# Diário do Povo

Campinas, 12 de dezembro de 1982



18 — O ESTADO DE SÃO PAULO

## Com 40 anos de atraso, a discografia de Noel Rosa é recompilada em todas as fases

O quadragésimo aniversário da morte de Noel Rosa, transcorrido em maio último, não foi esquecido. A imprensa, o rádio e a televisão aproveitaram a oportunidade para evocar a vida e as canções do famoso compositor de Vila Isabel e, desta maneira, testemunhar a simpatia e a admiração que lhe devota o povo brasileiro.

A trajetória de Noel pelo firmamento musical foi, como se sabe, vertiginosa e fulgurante. Começou na Tijuca, com reuniões musicais de um grupo de jovens, numa residência particular. Quando o grupo se dispersou, Noel e outros deles formaram o "Bando de Tangarás", constituído também de amadores. Este novo conjunto foi-se projetando aos poucos e fazendo tanto sucesso que acabou por profissionalizar-se. Exibiu-se inúmeras vezes em espetáculos públicos e particulares, inclusive fora do Rio de Janeiro, apresentou-se em programas de rádio e gravou diversos discos.

A atuação como musicista profissional não satisfazia, porém, inteiramente, a afeição de Noel Rosa pela música, nem absorvia todo o seu tempo. Durante os anos em que o "Bando de Tangarás" se manteve coeso, como antes de formar-se e depois de se dissolver (1932), Noel viveu numa boemia desenfreada que o arrastava a cada noite para a companhia dos amigos e companheiros, nos bares e botequins da Zona Norte. Era esse o cenáculo de sua musa, em cuja adoração tão cedo se consumiu.

As primeiras gravações de músicas de sua lavra surgiram em 1930, mas os anos que mais enriqueceram sua discografia foram 1931, 1932, 1933 e 1936. Após a morte, em maio de 1937, restringiu-se notavelmente o número de discos destinados a perpetuar suas composições,

multas das quais ainda permaneciam inéditas. Por mais de dez anos, Noel e seu repertório musical ficaram, por assim dizer, esquecidos do público. Em 1950 produziu-se, entretanto, uma brusca reviravolta, quando a "Continental" lançou na praça um pequeno álbum de discos "78" com os sambas *Palpite infeliz*, *Conversa de botequim*, *Feitiço da Vila*, *Último desejo*, *Não tem tradução* e *O "X" do problema*, na interpretação de Aracy de Almeida. O sucesso comercial dessa iniciativa foi tão grande que a mesma empresa gravadora editou, no ano seguinte, um segundo álbum, com mais meia dúzia de sambas gravados por Aracy: *Pra quem mentir*, *Silêncio de um minuto*, *Feito de oração*, *Três apitos*, *Com que roupa* e *O orvalho vem caindo*. Os álbuns tinham capa ilustrada por Di Cavalcanti e comentários escritos por Lúcio Rangel e Fernando Lobo. Depois do lançamento desses discos, outras empresas fonográficas começaram,

por sua vez, a explorar o precioso filão descoberto pela "Continental" e a popularizar, em todo o País, o vasto repertório musical deixado por Noel Rosa.

A curiosidade do público em torno da personalidade do compositor carioca e dos motivos que inspiraram os versos de seus sambas, quase todos cheios de sabor e expressividade, tem levado inúmeros aficionados da nossa música popular a discorrer sobre a vida de Noel Rosa e a comentar aspectos de sua produção musical. Nesse sentido, o trabalho mais importante realizado até agora é, sem dúvida, o de Almirante, amigo, parceiro e intérprete de Noel que, com ele tendo convivido durante vários anos, reuniu em livro — recentemente reeditado, aliás — seus testemunhos sobre a vida e a obra do prestigioso sambista.

Mas os estudos e pesquisas sobre o legado musical de Noel ressentiam-se até agora da falta de um levantamento completo

da discografia noeliana, trabalho sem o qual nada de sólido poderiam estabelecer. Dessa tarefa árdua e delicada desincumbiu-se o diligente pesquisador e colecionador Walter Teixeira Alves, a quem os estudiosos da música popular brasileira já devem, aliás, outros serviços. Certos de contribuir de maneira significativa para o conhecimento mais preciso da obra do sambista e poeta da Vila, a quem deve o cancionário nacional parte valiosa de seu patrimônio.

O levantamento feito compreende não só as gravações originais (em discos de 78 rotações por minuto) das músicas de que Noel Rosa é, reconhecidamente, autor único ou co-autor mas, também, as daquelas que, segundo vários testemunhos, foram por ele compostas, com ou sem parceiros, a despeito de seu nome não figurar no selo dos discos em que foram originariamente registradas. Walter Teixeira Alves anotou também, à parte, as gravações de músicas de outros compositores populares, das quais Noel participou apenas como intérprete.

Na relação que segue, as músicas são arroladas na ordem cronológica de suas respectivas gravações originais, encimadas pela indicação dos anos em que foram lançados os discos pelas diversas gravadoras. As demais indicações, como facilmente se percebe, obedecem à seguinte ordem: 1 — título da canção (grafado conforme a ortografia original do selo do disco); 2 — ritmo da música; 3 — nome do co-autor, ou co-autores (caso a canção tenha sido composta em parceria), mencionado entre parênteses; 4 — nome da empresa gravadora; 5 — número e face do disco; 6 — nome do intérprete (ou intérpretes) vocalista ou instrumental. Os números inseridos entre parênteses remetem sempre às notas de rodapé.



N.º EM 11-12-1910 NO RIO — FAL. NO RIO EM 04-05-1937